

## A AMIZADE E O CAPITALISMO EM *FIRST COW* DE KELLY REICHARDT

**André Francisco**  
(FLUL- Mestre)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<b>André Francisco</b> é Mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas pela mesma instituição. É colaborador do grupo de investigação “O Cinema e o Mundo” no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Os seus interesses incluem história do cinema, cinema português e cinema de autor, entre outros. E-mail: <a href="mailto:andrefrancisco@campus.ul.pt">andrefrancisco@campus.ul.pt</a>

RESUMO	ABSTRACT
Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o filme <i>First Cow</i> (2019) da realizadora norte-americana Kelly Reichardt. Através de algumas convenções do género western, a realizadora conta uma história que procura retratar a violenta e imperialista criação dos EUA enquanto país, abordando temáticas como a ocupação britânica de terras nativas americanas, bem como a multiculturalidade já latente desde o começo dessa nação. É também uma história sobre a amizade de dois homens deslocados que procuram subsistir na região do Oregon. “Cookie” e King Lu são os protagonistas de uma história que cruza o nascimento de uma nação fundamentada sobre a violência de uma invasão, a dureza do capitalismo e o mito do sonho americano.	This text is a critical review of the American film <i>First Cow</i> (2019), directed by Kelly Reichardt. The director tells a story that seeks to portray the violent and imperialist creation of the USA as a nation, using some of the western movie genre conventions, addressing themes such as the British occupation of native American land, as well as the multiculturalism which was already there at the birth of that nation. It is also a story about the friendship of two displaced men who are seeking to survive in the Oregon region. Cookie and King Lu are the protagonists of a story that interweaves the creation of a nation based on the violence of an invasion, the harshness of capitalism and the myth of the American dream.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
<i>First Cow</i> ; Kelly Reichardt; Capitalismo; Imperialismo	<i>First Cow</i> ; Kelly Reichardt; Capitalism; Imperialism

*First Cow* (2019), da diretora Kelly Reichardt, é um filme acerca da amizade entre dois homens, não fosse a epigrafe do filme: “A ave constrói o ninho; a aranha, a teia; o homem, a amizade” de William Blake. Esta frase é também utilizada no livro em que o filme se baseia, *The Half Life* (2004) de Jonathan Raymond, que é colaborador de longa data da diretora, enquanto argumentista. Para além disso, este filme é igualmente uma reflexão sobre as origens do capitalismo nos EUA e sobre o “poder das estruturas que sempre estiveram presentes, um lugar onde o capitalismo existe desde o início, acerca da destruição dos recursos naturais, de como ignorámos todos os sinais que a natureza nos tem dado.” (Reichardt et al, 2020) Pretendemos assim considerar o filme atendendo a estes dois conceitos, olhando particularmente para os dois protagonistas e para a sua relação.

Para uma melhor compreensão deste filme, torna-se necessária uma breve referência à sua obra. Kelly Reichardt é uma diretora norte-americana associada ao cinema independente e ao *slow cinema*. Os seus filmes são tendencialmente minimalistas no que diz respeito ao diálogo e à ação, focando-se muitas vezes em tarefas rotineiras do dia-a-dia e na sua repetição. A diretora é também conhecida por utilizar longos planos-sequência e por enfatizar o silêncio e os sons diegéticos nos seus filmes. Sam Littman refere Kelly Reichardt como “a embaixadora mais improvável do cinema independente americano”, sendo uma das diretoras desse circuito que, ao longo dos últimos anos, “mais elogios recebeu pelos seus filmes que observam personagens marginalizadas que encetam uma viagem em busca de uma vida melhor.” (2014) Exemplos desta abordagem temática e formal são os filmes *River of Grass* (1994), *Old Joy* (2006), *Wendy and Lucy* (2008) e *Meek’s Cutoff* (2010).

*First Cow* é a sétima longa-metragem da diretora. O filme começa com um plano estático de um navio cargueiro que percorre o rio Columbia, no estado americano do Oregon. Apesar de isto servir para nos situarmos geograficamente na história, a dualidade entre a paisagem natural, intocada, que os primeiros momentos do filme nos mostra, e o navio, símbolo da globalização e da modernidade, é quase um presságio para o que se irá passar durante as quase duas horas de filme.

Na cena seguinte, uma mulher e o seu cão passeiam no bosque em redor dessa área, ouvindo-se no fundo o som dos comboios que passam. Esta cena remete-nos para o início de *Wendy and Lucy* (2008), outro filme da diretora que se passa na região do Oregon. Aliás, à excepção do seu primeiro filme, *River of Glass* (1994), todos os filmes de Reichardt são filmados e referem-se a histórias que se passam nesse mesmo estado. Contrariamente a *Wendy and Lucy*, *First Cow* não retrata uma realidade contemporânea, apesar de a acção do prólogo decorrer no tempo presente, com um cão e uma mulher a encontrarem dois esqueletos humanos enterrados lado a lado.

Depois deste prólogo, o filme transporta-nos para a década de 1820, contando a história de “Cookie” ou Otis Figowitz, um cozinheiro que viaja com um grupo de caçadores de peles, e King Lu, um imigrante chinês que se encontra em fuga sob ameaça de morte de um grupo de russos. Depois de “Cookie” encontrar King Lu sem roupas no meio do bosque e o ajudar a escapar, voltam a encontrar-se no bar de Fort Tillicum. Os dois, agora amigos, decidem juntos arranjar forma de subsistir, sonhando abrir um hotel ou uma pastelaria em São Francisco. Para acumular meios para o seu futuro negócio decidem roubar o leite da única vaca que havia naquele território, propriedade de “Chief Factor”. Este é um inglês abastado que, segundo rumores, teria feito a vaca viajar até àquela região devido ao seu desejo de colocar leite no seu chá. Para os protagonistas, o leite roubado serve para preparar uns bolos fritos, cobertos com mel, que rapidamente se tornam num negócio muito rentável.

A localização e a época em que a história se passa remetem-nos para outro filme da diretora. *Meek's Cutoff* (2010) inspira-se nas convenções do género *western* para contar a história de um grupo de viajantes que atravessa o deserto do Oregon. Em *First Cow*, o *western* é também o ponto de partida, porém, contrariamente à ideia de masculinidade, virilidade e dos duelos protagonizados por *cowboys* e pistoleiros, o filme coloca como personagem principal um cozinheiro sensível, cauteloso e sonhador. A bondade de “Cookie” é evidenciada numa das primeiras cenas do filme. Enquanto apanha cogumelos no bosque, encontra um pequeno lagarto em dificuldades. O seu primeiro instinto é salvar o pequeno animal, devolvendo-lhe a possibilidade de continuar a viver. O seu carácter também ganha destaque quando comparado com o comportamento agressivo dos caçadores de peles para quem trabalha e por quem é maltratado. Outro exemplo da sua benevolência é precisamente o gesto que mudará a sua vida. No meio de um bosque, salva King Lu, um desconhecido, que confessa imediatamente ter cometido um homicídio. Nesta cena, “Cookie”, para além de alguma ingenuidade, revela uma outra característica muito humana, a solidariedade.

King Lu, por seu lado, é um imigrante que acredita no sonho americano. Perspicaz e sempre à procura de uma forma de ser bem sucedido, acredita que aquela região ainda tem muito para oferecer: “Já pensei em ir embora mais que uma vez, mas sinto que há oportunidades aqui. Os barcos chegam e partem todas as semanas. Nunca vi tanta matéria-prima como aqui. E eu já estive por todo o lado.” Todavia, é também alguém que compreende as transformações do mundo enquanto homem viajado, estando atento àquilo que podemos afirmar serem os primórdios do capitalismo: “O começo é que é um quebra-cabeças. Um pobre não tem como começar. É preciso capital ou então algum milagre. Ou um crime.”

Os dois amigos aproveitam-se dos mecanismos do capitalismo para a obtenção de

lucro, isto é, do jogo da oferta e da procura, mesmo que para isso tenham de roubar leite. É através da figura do “Chief Factor” que é feita a verdadeira crítica ao imperialismo e ao capitalismo selvagem. Começando pelo seu negócio de exportação de pele de castor para a manufatura de chapéus modernos, a exploração exaustiva da natureza como meio para prosperar economicamente é evidenciada pela posição do negociante inglês em relação aos castores. Para ele, independentemente da quantidade de animais caçados, como o próprio afirma, “os castores aqui nunca acabam.” Mesmo que a sua pele deixe de estar na moda nas principais capitais europeias, haverá sempre o mercado chinês como possibilidade de lucro. Além da dicotomia entre o capitalismo e a natureza, é representada, na mesma figura, a ideia de imperialismo. “Chief Factor” é casado com uma nativa americana e, assim, consegue comunicar com os nativos, pelo que a sua relação com a mulher parece ser estritamente utilitária. Esta, enquanto nativa, veste roupas europeias para se adaptar à realidade do colonizador, abdicando de algumas das suas tradições. Por sua vez, o distanciamento entre o colonizador e a cultura e costumes locais destaca-se inicialmente com a chegada da vaca cuja única função é produzir leite para colmatar a falta de leite para colocar no chá, também este importado. Neste ponto, os castores voltam a ser relevantes, pois para os nativos americanos, a caça dos castores é vista exclusivamente como meio de subsistência. A sustentabilidade desta relação homem-natureza é essencial para a existência de uma oferta alimentar estável. Por isso, para o nativo, neste caso, para o pai da mulher do “Chief Factor”, torna-se motivo de estranheza que o homem branco cace tantos castores e ignore a sua cauda, que é a parte mais saborosa do animal.

Estas temáticas ganham uma maior relevância atendendo ao que ainda acontece no mundo e em particular nos EUA. Ao situar a história na época em que os europeus invadiram o território americano, Kelly Reichardt pretende que não seja esquecida a origem do que é ser norte-americano. O surgimento desse povo está intrinsecamente ligado à violência, não só para com a natureza, mas em especial para com os nativos, que se viram obrigados a deixar as suas terras, a esquecer os seus costumes, adoptando novos, impostos pelo invasor e a subjugarem-se à escravatura em prol das conquistas europeias. *First Cow* alude também à multiculturalidade existente no ADN dos norte-americanos, evidenciado pela presença de múltiplas culturas nesse território desde o início do século XIX. Na sua história, a diretora faz questão de mencionar não só os nativos, mas também os russos, os chineses e os ingleses. O próprio protagonista, “Cookie”, tem um apelido de origem judaica.

Em suma, *First Cow* segue a tendência da diretora para, de um modo minimalista, contar histórias de personagens marginais que procuram adaptar-se às constantes mudanças que ocorrem no mundo. Os seus filmes permitem que os espectadores entrem



num mundo onde não é mostrado o que é mais belo, nem o que é mais calmo e harmonioso. Pelo contrário, o cinema da autora revela o hediondo, o fora de ordem e as complicações desastrosas dessas mudanças. O ritmo narrativo lento permite olhar para os diferentes modos de viver naquela época e tornar visíveis personagens como “Cookie” e King Lu. É, em todo o caso, um filme político, como são todos os seus filmes, que denuncia a dureza do capitalismo. Todavia, em *First Cow*, Reichardt leva-nos às origens do capitalismo para mostrar que, afinal, parece que não evoluímos assim tanto desde a década de 1820. Apesar disso, a solidariedade do ser humano é talvez a sua última forma de resistência.

**REFERÊNCIAS**

DOWD, A. A. Kelly Reichardt's *First Cow* finds an American creation myth in a touching portrait of friendship. **AVClub**, 3 Mar 2020. Disponível em: <https://film.avclub.com/kelly-reichardt-s-first-cow-finds-an-american-creation-1842070712>. Acesso em: 9 ago.2020.

LITTMAN, Sam. Reichardt, Kelly. **Senses of Cinema**, Junho 2014. Disponível em <http://www.sensesofcinema.com/2014/great-directors/kelly-reichardt>. Acesso em 10 ago.2020.

RAYMOND, J. **The Half-Life**. Bloomsbury USA, 2004.

REICHARDT, K.; BERNAL, P. E. S. The Cow's Gaze: A Conversation with Kelly Reichardt. **MUBI**, 13 Mar 2020. Disponível em: <https://mubi.com/notebook/posts/the-cow-s-gaze-a-conversation-with-kelly-reichardt>. Acesso em: 10 ago.2020.

REICHARDT, K; WILKINSON, A. What Kelly Reichardt learned from directing *First Cow*, her gentle masterpiece. **Vox**, 10 Jul. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/2020/3/6/21158250/first-cow-interview-kelly-reichardt>. Acesso em: 10 ago.2020.

SMITH, I. S. Phantom Light: *First Cow* and Beyond. **Film Comment**, 26 Mar 2020. Disponível em: <https://www.filmcomment.com/blog/phantom-light-kelly-reichardt-first-cow-bernd-shoch-olanda/>. Acesso em: 9 ago.2020.

Título em inglês:

**FRIENDSHIP AND CAPITALISM IN *FIRST COW* BY KELLY REICHARDT**